

# ★ GUERRILHAS, PERFORMANCE E TERRITÓRIOS: VIVENDO NAS FISSURAS.

Thi. Gresa<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo busca discutir em sua integridade quais são as possibilidades dos territórios em que podemos acionar as nossas performances ruidosas, e tensionar as estéticas a partir das perspectivas das existências dissidentes e dissonantes, entendendo que as nossas existências se inscrevem no território proporcionando um novo entendimento das fronteiras. Compreendendo as possibilidades e os cenários políticos atuais, nos debruçamos sobre temas como as disputas de narrativas e os novos mundos, ou os espaços da fronteira para discutir o espaço em que a performance acontece e como os nossos corpos se inserem como performance nesses territórios fronteiriços.

**Abstract:** This article seeks to discuss in its entirety the possibilities of the territories in which we can trigger our noisy performances. Tensioning aesthetics from the perspectives of dissident and dissonant existences, understanding that our stocks are inscribed on the territory providing a new understanding of borders. Comprehend current possibilities and political scenarios, we look at topics such as narrative disputes and new worlds, or the frontier spaces to discuss the space in which performance takes place and how our bodies fit into performance in these frontier territories.

## Palavras-chave

*Fronteira.  
Performance.  
Ruídos.  
Territórios.  
Guerrilhas estéticas.*

## Keywords

*Borders.  
Performance.  
Noises.  
Territories.  
Aesthetic Guerrillas.*

## Percursos entre os territórios

**D**iante dos recentes acontecimentos políticos, muitas questões vêm eclodindo nas discussões sobre os fazeres da arte – seja no campo das artes da cena ou em outros fazeres que buscam propiciar intersecções de fazeres – principalmente se pensarmos as problemáticas que envolvem os fatores políticos pelo qual o nosso país já passou e novamente vemos e estamos passando.<sup>2</sup>

Nesta mesma linha, entendendo essas intersecções e essas dinâmicas políticas levamos em conta como nossos corpos transvestigêneres<sup>3</sup> e dissidentes/dissonantes<sup>4</sup> estão em tensões constantes, construindo e possibilitando não apenas outras narrativas, mas outras formas de pensar o corpo na

tensão, o corpo tensão. E a tensão do corpo como fazer performance, e como a tensão o coloca na cena, e como essa cena se desmaterializa conforme os ruídos se expandem. Ruído também é território de ação, que se constrói a partir das novas possibilidades e das novas perspectivas estéticas.

Tendo em vista tais questões buscamos de maneira indisciplinar, ou seja, construindo a partir de diversas vias do pensamento e construindo a escrita a partir desses atravessamentos que nos possibilitam pensar corpos dissonantes e as suas existências como fazeres que possibilitam a sua existência e os seus fazeres como suas potências políticas/existenciais. Não vamos e nem podemos desmembrar essas duas narrativas, as nossas potências políticas (que envolvem o nosso fazer performance), das nossas potências existenciais, que no

caso é o nosso corpo, resultado daquilo que fazemos na performance. Ou, invariavelmente a performance é resultado daquilo que fazemos enquanto potências existenciais.

Sabemos que a arte e corpos políticos (e aqui são todos aqueles que envolvem as narrativas transvestigêneres e as possibilidades/porosidades ruidosas) sempre questionaram e friccionaram narrativas quando a tensão política assolou tanto o Brasil como outros países da América Latina, por isso buscamos olhar para os corpos que hoje estão tensionando e friccionando essas narrativas nos seus fazeres da rua.

É diante dessas inquietações políticas que surge esse artigo. Tentamos de certo modo organizar narrativas que atravessam os fazeres dos corpos políticos, mais precisamente aquilo que Maria Beatriz Medeiros<sup>5</sup> (2011), chamou de “performance, corpo, política”. E por outro lado, nas narrativas pessoais, Diana Taylor (2013) também organizou em outro espectro como Performance e memória.

Articulamos essas duas narrativas com os escritos do professor e teórico da performance Décio Pignatari (2004), que desenvolveu – dentre os seus estudos sobre as vanguardas artísticas – a partir das percepções sobre o que ele chamou de “guerrilhas estéticas”.

Tal pensamento, em conjunto com essa política da disputa de narrativa, somada a ação de produzir fissuras nos propicia um pensamento a partir daquilo que une (ou que amplia o abismo) do viver entre dois mundos. E desses nossos corpos, que produzindo guerrilhas estéticas, e produzindo tensão, descobrimos como acionar e viver/potencializar políticas nesses espaços e territórios.

Essa primeira reflexão nos leva a pensar outras dinâmicas de organização desse espaço – que aqui vamos assumir ao invés de “espaço” o termo território, pois esse segundo se mostra de maneira móvel, se construindo em parceria com o corpo que o tensiona, e também por acreditarmos que o corpo não é um espaço, e sim um território de ocupação, bem como acionamento estético político que pode ser ocupado.

Entre esses fluxos de territórios, há ainda a proposição da apresentação da possibilidade desse corpo – as existências transvestigêneres – de acionar as suas existências políticas nos territórios do entre, ou seja, nos territórios fissurados, mas mais do que isso, como exprime a teórica e pesquisadora boliviana Silvia Rivera Cusicanqui (2010), a experiência de corpos dissidentes/dissonantes de viver nesse espaço entre os dois mundos, nesse espaço da fronteira, que é tanto a fronteira daqueles corpos e por conseguinte existências que habitam os territórios em disputa.

Por outro lado, há a fronteira espacial, a fronteira que divide e que produz a terceira possibilidade do território, o que não está em nenhum dos dois lugares, o que se dilata e se expande para todos os lados, e que ocupa, com esse terceiro fator, esses dois lugares. Esta fronteira se materializa quando há a produção e a dilatação dessas primeiras existências, que ocupadas desses ruídos estéticos aciona e materializa esse “território outro”.

Num segundo momento buscamos nos fazeres, a partir das tensões atuais que surgem das fricções dos corpos. Compreendemos e acionamos as fissuras, e esse é o espaço móvel que está entre os dois mundos/espacos fixos, então nesta lógica de tensionamentos estéticos nos é valioso existir enquanto corpo fissura e corpo ruído. O corpo fissurado – na tensão constante e na fricção estética da performance – é um corpo que produz a reconfiguração política, ruidosa e visual dos espaços e territórios.

Além de ocupar esse novo território ele redimensiona esse novo território, ele transforma de modo a construir e redimensionar o que se estabelece enquanto esse espaço de disputa. Os trânsitos entre os territórios e os territórios dos corpos.

Retomando a ideia das dissonâncias e dos ruídos, chegamos a essas possibilidades fronteiriças, das existências que, na ação da performance – e transformando os seus corpos em existências políticas, e obviamente nas ações e acionamentos dos seus fazeres em performance – e testam os limites das possibilidades de existências.

Tais existências políticas, que dinamizam a performance, criam esses novos territórios – no plural, esse é mais um dado importante, os territórios são vários, eles se ramificam de forma indisciplinar como rizomas.

Nossas potencialidades que estão na fronteira e que friccionam, criando essas novas possibilidades de existências, são as não binárias, aquelas que habitam o outro espaço, o outro território. São as potencialidades que não habitam, permeamos e criamos novas dinâmicas de fronteiras.

Dinamizamos novas ações e cisões (e novos mundos, esses novos territórios), e os territórios dos nossos corpos, potencializam e possibilitam a intersecção e os encontros desses dois mundos e desses dois territórios que foram fissurados.

Diante de todas essas ações de fissuras e reconstruções dos territórios, isso nos leva a afirmar que vivemos e estamos produzindo nossas guerrilhas, nossas ações de performance corpo e política, nossas narrativas pessoais e nossas fissuras num mundo que produz corpos e territórios que nos levam a entender o que Sakya Valencia (2010) chamou de capitalismo gore.

### **Das guerrilhas à performance corpo política**

No livro “Contracomunicação” (2004), o professor Décio Pignatari analisa os movimentos das vanguardas artísticas, e a partir dos seus estudos estabelece um discurso sobre o que ele chama de “teoria da guerrilha artística”. A partir da produção antropológica de Oswald de Andrade, Pignatari traça uma série de acontecimentos que nos levam a formular os caminhos que ele definiu enquanto guerrilhas. Segundo ele, é definido como; “nada mais parecido com uma constelação do que uma guerrilha, que exige, por sua dinâmica, uma estrutura aberta de informação plena, onde tudo parece reger-se por coordenação (a própria consciência totalizante em ação) e nada por subordinação” (p. 168).

É justamente esse espaço aberto, da não subordinação (e a negação ou a tentativa de rompimento com as estruturas fixas de rompimento das subjetividades por meio das “violências gores”, que veremos na próxima seção desse artigo), que nos leva ao coletivo de Brasília, Corpos Informáticos, que pensa a estrutura da “performance corpo política”, e que essas três esferas se estabelecem de forma simultânea, tendo em vista que os nossos corpos da performance estão sempre em estados políticos, e de fazer política.

Tal ideia foi debatida num festival de performance realizado no ano de 2013, com o mesmo nome (performance corpo política). Entendendo que o campo da performance é esse que tensiona as narrativas das artes e que possibilita instaurar novos debates sobre os fazeres com as tensões estéticas do corpo.

Guillermo Gómez-Peña afirma essa posição do corpo político, escrevendo em seu manifesto “Estou em permanentemente desacordo com a autoridade, seja ela política, religiosa, sexual ou estética, e questiono constantemente as estruturas impostas e os comportamentos dogmáticos onde quer que os encontre”. E segue, “De fato, nós, *performeros*, sempre buscamos o desafio que implica desmantelar a autoridade abusiva” (2013, p. 450).

Assim, o que o artista da performance aponta é que os artistas da performance estão sempre buscando uma fuga e tensionando não apenas as narrativas, mas tudo que envolve as ações políticas. Ou seja, o corpo da performance e do performer se coloca como a disputa, nós disputamos com o corpo, já que é ele que vem primeiro, e se coloca e se materializa enquanto ação, mas também é ele, enquanto ruído estético que produz as primeiras inversões das lógicas dos corpos.

A partir das penetrações, penetrando, ferindo as expectativas e as ideias. Esse é o poder da performance corpo política, abrir esses outros campos de ações dos corpos, do fazer com o corpo e de existir com essas políticas. É justamente nas lógicas – que mantêm os fazeres políticos – que penetramos, Bia

Medeiros (2011) de modo a “ao invés de isolar, ferir, intervir (intervenção: processo de fora para dentro, onde algo do fora se impõe ao dentro), inferir, inter-ferir” (p. 51), desse modo Bia Medeiros propõe que penetremos e desestabilizemos com os corpos ruidosos os caminhos, as percepções e as estéticas.

A guerrilha atravessa e costura essas noções todas quando aciona por meio da imagem da luta, e da disputa e da guerra uma outra lógica estratégica de se fazer política ao inverter as lógicas dos corpos e das organizações. Para Décio Pignatari é a lógica da colagem que confunde as estruturas com os fazeres, ou seja, confunde-se os corpos com os as suas ações. Para o autor, “Em relação a guerra clássica, linear, a guerrilha é uma estrutura móvel operando dentro de uma estrutura rígida hierarquizada”, e mais a frente completa, “Sua força reside na simultaneidade de ações: abrem-se e fecham-se frentes de uma hora para outra. É a informação (surpresa) contra a redundância (expectativa)” (p. 168). É justamente nessa surpresa e na ação inesperada que encontra-se as estéticas das guerrilhas e as estéticas vertiginosas dos corpos ruidosos fronteiriços.

Para o Corpos Informáticos isso seria os anti-corpos, uma prática de acionar o avesso do corpo, revirar o corpo para inverter – assim como a inversão e o trânsito do espaço para o território – a lógica de acionamento e de leituras possíveis do corpo. Produzindo os abismos e as quedas, possibilitando as perdas, afundar as possibilidades estéticas. Acionamos as contradições como denúncia e como ação potente. Corpos Informáticos inscrevem, “O lugar propício é o outro lugar, o fora lá onde o corpo pode ser sem órgãos e quiçá encontrar o outro [...] Outros corpos, outros Corpos Informáticos se exprimindo na língua da guerra. O espaço se redimensiona por esta fala tosca, grossa, escorregadia” (p. 142).

Esse outro lugar é o espaço da performance. E a performance?

## **Como tensionar e viver entre mundos? E a performance?**

Para tensionar algo tem-se que ter um território em que a pacificidade se materialize, ou seja, um território onde a normalidade se faça presente e a harmonia se instaure. Digo isso pois, nossos corpos e existências não binárias ruidosas sabem muito bem o que querem tensionar, o que querem dilatar e alargar, para que as contradições se façam aparentes e se apresentem como novas dinâmicas espaciais.

Tendo esse espaço posto, e as ações da performance se executando a fim de criar as fissuras, para que nossos corpos possam habitar esses territórios transitórios de modo a potencializar existências políticas bem como possibilitar a emancipação de novas possibilidades de existências.

O corpo navalha o espaço, navalhar com as subjetividades dissonantes o que Sayak Valencia chamou de capitalismo gore. Acionamos tensionamentos desde a fronteira (a partir das fronteiras!). Tensionamos as narrativas do neoliberalismo e produzimos outras subjetividades e processos de subjetivação que vão de encontro e se chocam com o espaço, criando para além das aberturas de fissuras e das expansões das contradições.

Para Valencia (2010) essa é uma fissura nas violências produzidas pelo capitalismo gore, para a autora “*somos nosostr@s quienes buscamos trazar una respuesta a la violencia encarnizada ejercida por el capitalismo gore que se permea al amplio espectro de los cuerpos, los cuales no se reducen a las rígidas jerarquías de lo femenino y lo masculino*” (p. 175).

A fissura aqui são todas as existências que possibilitam o fazer político que atravessam as narrativas do capitalismo gore, e essas existências são aquelas que se encontram nesse entre, na fronteira do feminino e do masculino.

Esse corpo que produz a criação e a construção de uma nova paisagem política do território também é aquele que faz uso dos abismos, esses por sua vez que produzem as vertigens que nos

levam a entender e redimensionar junto com o corpo – que está permeado pelo olhar e é o olhar turvo, que perde o equilíbrio e se reorganiza (performando e amplificando/ampliando as tensões).

Voltando à discussão das características dos corpos fissurados podemos entender essa dinâmica do corpo vertiginoso, o capitalismo aliado ao projeto do neoliberalismo produz um espaço (o que falamos no começo dessa sessão), e por consequência produz um corpo que ocupa esse espaço (o corpo/existência que acha que possui liberdade ou acredita-se livre).

Porém, essas tensões produzem a narrativa que vem em choque com esse discurso do capitalismo gore, a fricção propõe o que viemos chamando de território, a fim de criar e instaurar de forma a intervir e inverter a lógica dos sentidos dos espaços, criando assim corpos que “desde a fronteira” num processo de reterritorialização, passam a estabelecer uma nova dinâmica dos usos dos espaços, a partir das contra narrativas dos ativismos (e aqui falamos das ações políticas da performance, que se acionam por meio da performance corpo e política), do uso do poder aliado aos usos do desejo.

Todas essas tensões que colocamos, de viradas e giros, é o indomável das línguas que foram achando brechas para se acionarem, ou que foram descobrindo novas formas de falar/potencializar existências, esse falar é parte do que instauramos como a tensão vertiginosa.

Por outro lado, também é a constante dilatação de pensar e acionar a fricção de estar nesse território que se estabelece enquanto outra possibilidade de narrativa para construção de novas existências poético-políticas, é importante dizer que esse território também é aquele em que nos perdemos para criarmos novos caminhos e novos fluxos dentro das fronteiras.

Possibilitamos as existências ruidosas e as não binaridades em performance nesse espaço de constante fluxo, e é justamente nas não binaridades que acontecem (enquanto acontecimento de performance) a confusão para que as percepções

se multipliquem a partir dessas existências que se multiplicam em suas próprias possibilidades.

Silvia Rivera chama essa existência de *ch'ixi*, levando em consideração a língua aymara<sup>7</sup> ela afirma “*la noción ch'ixi, como muchas otras obedece a la idea aymara de algo que es y no es e la vez, es decir, a la lógica del tercero incluido*”<sup>8</sup> (p. 69). Segundo a autora, é essa existência que está no entre, que transita entre os dois territórios, criando a as tensões das possibilidades que instauram a não binaridade (no caso da autora linguística/oral), no nosso caso para pensarmos a performance e as ações dos corpos transvestigeneres, e das múltiplas subjetividades políticas das existências ruidosas.

Ao mesmo tempo ela nos fala desse território, como aquele que nos possibilita pensar as descolonizações por meio dos usos que fazemos desse território, e é justamente aqui que pensamos o espaço da performance, e o espaço dos acionamentos da performance, como esse território que se amplia e se expande fazendo com que repensemos seus usos e as suas funções.

Silvia fala sobre uma possível reforma cultural na sociedade, aqui pensamos o território da performance. Para a autora a reforma, ou reestruturação passa por uma “*descolonización de nuestros gestos, de nuestros actos, y de la lengua con que nombramos el mundo*”<sup>9</sup> (p. 70). Ou seja, precisamos descobrir outros gestos, outros atos – e aqui é que a performance fatura esse espaço para podermos pensar a descolonização – e outra língua, ou seja, narrar o mundo a partir da performance, e dos ruídos dos corpos transvestigeneres.

Na performance, é o território experimental para descobrir como acionarmos esses processos de descolonização a partir das nossas ações políticas e das dimensões dos espaços com os nossos corpos. Principalmente a descoberta de como fissurar os espaços do capitalismo gore, que nos leva ao espaço de investigações desses novos mundos, desse espaço que criamos e construímos com os corpos.

Por isso na performance estamos sempre nos

espaços vazios, ou seja, naquele espaço onde qualquer coisa pode-se penetrar, o espaço que podemos transformar em território, seguindo a lógica da interversão, de inverter a linha contínua que materializa um espaço enquanto espaço rígido, mas que também inverte como lemos e vemos o espaço, transformando-o num território de ações políticas existenciais, que imediatamente nos leva a pensar como acionamos e lidamos com as potencialidades políticas das nossas existências.

Sendo assim, o espaço da cena, ou a arte que se estabelece enquanto cena na performance, é o antiespaço. Substituímos o espaço e abrimos caminho para o território da performance que se molda à ação do corpo, para dar abertura àquele território que se molda à ação do corpo, e atravessando e navalhando nos faz repensar como é estar na cena, e com nos colocamos para além das fronteiras, nas brechas e nas fissuras. ☆

#### Referências

AQUINO, Fernando; MEDEIROS, Maria Beatriz. **Corpos informáticos: performance, corpo, política**. Brasília: Editora UNB, 2011.  
GÓMEZ-PENÑA, Guillermo. Em defesa da arte da performance. In., DAWSEY, John; MOLLER, Regina [et. al.] (org.). **Antropologia e performance: ensaios na pedra**. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.  
MEDEIROS, Maria Beatriz (org.). **Espaço e performance**. Brasília: Capes, 2007.  
PIGNATARI, Décio. **Contracomunicação**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

SAYAK, Valencia. **Capitalismo Gore**. Santa Cruz de Tenerife: Mulusina, 2010.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

#### Notas

- 1 José Pedro Almeida/Thi. Gresa é pessoa não binário artista, pesquisadora e professora.
- 2 É importante ressaltar que esse momento que estamos passando não ocorre só no Brasil, mas em diversos países da América Latina que têm as suas democracias ameaçadas e de certa forma vem tensionando narrativas na rua em busca de criar e proporcionar resistências que movam os discursos apolíticos a partir dos fazeres da performance.
- 3 Transvestigeneres é um termo inicialmente usado pela ativista Indianara Siqueira, que diz respeito às pessoas que se consideram e acionam gêneros dissidentes não apenas a partir das performances estéticas visuais.
- 4 Os dissonantes são aqueles corpos que em certa medida transitaram das dissidências, o espaço que faz com que nossos corpos sejam colocados no espaço da exotificação, objetificação e da narrativa de exclusão. Com as dissonâncias eles passam a ser ruídos, que penetram e habitam os diferentes territórios. E por vezes chegam antes da presença física, em outras podem até ser “presenças não materializadas”.

- 5 Bia Medeiros, artista, professora da UNB, é fundadora do coletivo de performance Corpos Informáticos.
- 6 “somos nós que buscamos traçar uma resposta a violência encarnada e exercida pelo capitalismo gore que permeia o amplo espectro de corpos, os quais não se reduzem as hierarquias rígidas do feminino e do masculino”. Tradução nossa.
- 7 Aymara ou aimara é a língua falada por mais de 2 milhões de pessoas da etnia aimará localizada principalmente no Peru, Bolívia, Chile e Argentina. Nos dois primeiros aimara é considerada a língua oficial do país.
- 8 “a noção ch'ixi, com muitas outras segue a idéia aymara de que algo é e não é ao mesmo tempo, ou seja, é a lógica do terceiro [a outra possibilidade] incluído”. Tradução nossa.
- 9 “descolonização dos nossos gestos, dos nossos atos, e da língua com que nomeamos o mundo”. Tradução nossa.